

## **Fenomenologia dos espaços em Gaston Bachelard e Hannah Arendt**

*Phenomenology of spaces in Gaston Bachelard And Hannah Arendt*

*Fenomenología de espacios en Gaston Bachelard y Hannah Arendt*

**Gabriel Kafure da Rocha<sup>1</sup>**

*Recebido em: 06/06/2020*

*Aprovado em: 28/10/2020*

**Resumo:** Este artigo tem como objetivo estudar algumas partes e aspectos do trabalho de Hannah Arendt e Gaston Bachelard. Em torno do labor de Arendt os interesses particulares deste estudo estão relacionados principalmente ao capítulo 2 de *A condição humana*, onde serão discutidas “a esfera pública e privada”. Tentamos estabelecer as continuidades e rupturas entre Arendt e Bachelard no intuito de compreender as fronteiras políticas espaciais dessa fenomenologia e fornecer elementos para a teoria dos espaços políticos pelas esferas do mundo. Já sobre Bachelard, o tema do espaço está focado em dois livros, *A experiência física do espaço na física contemporânea* e *A poética do espaço*, nos quais há um esboço claro da dualidade de imagem-conceito de Bachelard que pretendemos abordar no sentido da ciência e do espaço privado.

**Palavras-Chave:** Ciência; Imaginação; Esfera pública.

---

**Abstract:** This article aims to study some parts and aspects of the work of Hannah Arendt and Gaston Bachelard. Around Arendt's work, the particular interests of this study are mainly related to chapter 2 of *The human condition*, where “the public and private sphere” will be discussed. We try to establish the continuities and ruptures between Arendt and Bachelard in order to understand the spatial political boundaries of this phenomenology and to provide elements for the theory of political spaces around the world. As for Bachelard, the theme of space is focused on two books, *The experience of space in contemporary physics* and *The poetics of space*, in which there is a clear outline of Bachelard's concept-image duality that we intend to address in the sense of science and of the private space.

**Keywords:** Science; Imagination; Public sphere.

---

**Resumen:** Este artículo tiene como objetivo estudiar algunas partes y aspectos del trabajo de Hannah Arendt y Gaston Bachelard. En torno al trabajo de Arendt, los intereses particulares de este estudio se relacionan principalmente con el capítulo 2 de *La condición humana*, donde se discutirá “la esfera pública y privada”. Intentamos establecer las continuidades y rupturas entre Arendt y Bachelard para comprender los límites políticos espaciales de esta fenomenología y proporcionar elementos para la teoría de los espacios políticos en todo el mundo. En cuanto a Bachelard, el tema del espacio se centra en dos libros, *La experiencia física del espacio en la física contemporánea* y *La poética del espacio*, en la que hay un esquema claro de la dualidad concepto-imagen de Bachelard que pretendemos abordar en el sentido de la ciencia y del espacio privado.

**Palabras clave:** Ciencia; Imaginación; Esfera pública.

---

<sup>1</sup> Doutor em Filosofia pela UFRN, professor de Filosofia do Instituto Federal do Sertão Pernambucano e professor do Mestrado em Educação Profissional PROFEPT. Contato: gabriel.rocha@ifsertao-pe.edu.br / <http://orcid.org/0000-0001-7088-6239>.

## **Introdução**

Bachelard, em sua obra mais famosa, *A formação do espírito científico* dialogou com perspectivas educacionais e científicas da época, o que parece muito próximo da realidade proposta por Arendt em *A condição Humana*. Neste artigo, é exposto brevemente alguns elementos da leitura de Arendt para testar a possibilidade dessa abordagem. Esse estudo é importante tanto para o ensino científico crítico quanto para o conhecimento subjetivo das possibilidades de compreensão de uma fenomenologia do imaginário dos espaços.

Partindo da ideia bachelardiana de que a imaginação é uma instância fundamental do avanço científico e que as deformações das imagens podem nos dar outros significados, a pergunta deve ser feita: “O que significa o imaginário do espaço público?”

Tal questão tem como inovação o propósito arendtiano de fazer uma nova experiência de pensamento, na qual o espaço público ganhará vida, as ruas mais uma vez revelarão o significado primário da ágora como uma possível resposta à confusão entre o público e o privado que permeia a contemporaneidade principalmente por esse espaço da praça pública ter se tornado basicamente as redes sociais. Se, nos tempos contemporâneos, os espaços públicos são mais usados agora como passatempo virtual, ainda existem muitas manifestações importantes de movimentos sociais e políticos que nos permitem estudá-lo.

A pesquisa proposta então entre esses pensadores busca então compreender os limites e possibilidades dessa abordagem do espaço, com o objetivo de ver como existe a possibilidade de complementaridade entre os dois pensadores. Entendemos que Hannah Arendt pode contribuir significativamente para a noção de espaço público e político, uma vez que Bachelard permaneceu calado sobre a política no decorrer de seu trabalho, que era muito mais epistemológico. Nesse sentido científico, tentamos pensar que Arendt também notou um engano científico semelhante à desilusão bachelardiana que o fez, por sua vez, seguir o caminho poético.

## **Fenomenologia**

É possível dizer que o método fenomenológico de Bachelard está dividido em dois aspectos, o científico e o poético. No primeiro, é possível dizer sinteticamente que há uma crítica das fenomenografias e uma busca por uma fenomenologia que torna a descoberta do *noumenon* que diferencia a coisa do assunto, ou pelo menos, busca entender o que está por trás do fenômeno, não como uma coisa em si, mas como fruto de uma inteligência (*nous*) matemática. Um exemplo disso pode ser a espacialidade do átomo, considerada não-coisa por Bachelard, uma vez que não há materialidade ou concretude no átomo, ainda que exista uma prova científica de sua existência. Esse processo de produção do átomo pode ser um exemplo

claro da fenomenotécnica, isto é, da produção de um fenômeno a partir de uma fenomenologia genuína, criadora e não simplesmente descritiva. No caso de uma fenomenologia poética, pode-se considerar um método de criação de imagens e sua relação com a consciência.

Therrien (1970) distingue dois métodos fenomenológicos aplicados por nosso filo, para uma análise crítica das imagens [...] No primeiro método, o objeto é dado em diversidade, mas também apresenta uma privacidade substancial, apreendida por sujeito, em sua história E, ao vir a ser, do lado do sujeito, trata-se de descrever ou mesmo criar o objeto ... O foco do mundo está, então, no plano da horizontalidade, [...] Há também, no campo do exame do imaginário, da divagação, outra possibilidade: a experiência da 'verticalidade', da apreensão da estrutura existencial do objeto e de ser valor. Esse estudo caracteriza o segundo método fenomenológico que Therrien distingue no trabalho de Bachelard. É o método usado pelo filósofo em seus trabalhos posteriores (CÉSAR, 2010, p. 106).

Na primeira fenomenologia, Bachelard deforma o conceito de *noumeno* kantiano, uma vez que o fenômeno não é algo estático e, conseqüentemente, não é possível comprová-lo. A palavra fenomenologia é encontrada pela primeira vez em “O novo espírito científico” (publicado originalmente em 1934). Naquela época, o trabalho de Husserl já havia chegado à França, no entanto, Bachelard entende que a intencionalidade deve ser vista no sentido de uma fenomenologia dirigida e materializada. Tanto que ele vai propor uma psicanálise da ciência e essa intenção tem a ver exatamente com as desarmonias presentes na intenção de experimentar a matéria. A imprevisibilidade da matéria é um eco do absurdo e da imprevisibilidade.

Bachelard considera que a fenomenologia clássica é a do objeto, a fenomenologia das ciências é da matéria. Nessa distinção, o fato de que o fenômeno não é o visível e a matéria é a própria energia, implica, conseqüentemente, de que a fenomenologia clássica seria um realismo ingênuo das substanciações coisísticas.

No *Racionalismo Aplicado*, Bachelard afirma que o *noumeno* está aberto a um futuro de perfeição, que não é peculiar a um objeto de conhecimento comum. Nesse sentido, *noumeno* e o fenômeno são direcionados por radiação ou frequência, o primeiro seria o entendimento e a segundo a observação, podemos observar a radiação do sol, por exemplo, mas isso não significa entendimento, até porque, ao observar, o observador já modifica o fenômeno. O fenômeno é presságio, portanto, o objeto é percebido pelo senso comum, enquanto o *noumeno* está sujeito ao pensamento e compreensão com mais precisão: pela abstração. O objeto puramente percebido de uma intuição não genuína é uma fenomenografia, ou seja, é fruto de uma descrição e não de uma criação.

Em *A Poética do Espaço*, Bachelard continua fazendo uma nova crítica literária, na qual o fenômeno começa a expressar uma mudança na qual as imagens se tornam formas

antes dos conceitos. Então, a capacidade onírica de um indivíduo se torna objeto de estudo dos limites espaciais de sua consciência fenomenológica. É aí que a divagação e a sociabilidade são colocadas como objetos de uma esfera coletiva, o sonhador pode sair de sua solidão e que, na última fenomenologia, é possível dizer que a casa representa a imagem do *ethos* do fenômeno da habitação e é nessa No sentido de que, trabalharemos para seguir as abordagens entre os espaços público e privado de Bachelard e Arendt .

Hannah Arendt destacou que somente se os seres humanos se afastarem de sua própria natureza e da natureza do mundo em geral, que sempre foi a primeira tarefa da fenomenologia, eles poderão ser vistos como finitos, necessariamente terminando, mas dentro da esfera da natureza que estamos sempre começando (MILES, 2011, p. 104).

Em Hannah Arendt , é possível dizer desde o início que existe uma fenomenologia da vida ativa, isto é, da vontade como objeto da condição humana. Nisso, a obra *A vida do Espírito* constitui-se como fundamental na compreensão da fenomenologia da vida interior, baseada nas atividades de pensar, amar e julgar. O querer é considerado como um dado imediato da consciência. Ela considera o método fenomenológico uma espécie de concha na qual a pérola é o meio pelo qual indivíduo aprende a pensar por si mesmo. Em particular, essa concepção parte de uma inspiração heideggeriana; portanto, para apanhar essas pérolas, é necessário desassociar-se de algumas falácias metafísicas, na medida em que o ser dos conceitos vem do pensamento e do pensamento também pode ser enganador. A relação entre as condições das atividades e os espaços da experiência humana passam por nuances da ocupação das definições, às quais se pode acrescentar que consistem na conexão fenomenológica entre o indivíduo e os fatos do mundo.

A fenomenologia arendtiana, portanto, tem um caráter libertador da tradição histórica, na medida em que pensar-querer-julgar é independente do ser humano ser condicionado. Destas faculdades, o pensamento é o mais radical, o julgamento é o relacionamento com o passado e o desejo pelo futuro, o pensamento é abstração, está fora do tempo e, conseqüentemente, é uma relação espacial. Ao mesmo tempo em que, sem o pensamento presente, não existe o espaço entre o passado e o futuro que encontramos nosso lugar no mundo, que é uma construção fenomenológica que requer a compreensão da totalidade dos objetos que circundam nossa vida e nosso espaço.

Arendt se considerava uma espécie de fenomenologista, na medida em que a vida ativa, quando se distingue trabalho e ação, labora na mesma direção da existência de atividades mentais. O pensamento é a experiência fundamental que deve ser investigada, e não as doutrinas clássicas, a fenomenologia da vida que se abre para a aparência como um ponto comum entre coisas no mundo que escondem algum interior, onde também se revelam

coragem e medo. Se o que aparece é mera aparência, este processo revela que há um ser interno imutável, o interior, na verdade, nem mesmo se mostra geralmente para o sentido externo do mundo da vida e da esfera pública. Na realidade, a tendência é justamente que o público se torne privado como expressão de sentimentos e sentimentos de auto-afirmação. Para ela, o fenômeno da vontade corresponde a uma importante atividade espiritual, tanto que a evidência da relação entre a vontade e o mundo das aparências pode ser considerada como a História da Vontade. Na medida em que se distingue a liberdade política e filosófica, a esfera pública e a privada .

### **Hannah Arendt**

A casa, como manifestação do conceito grego de *oikos* , designa tanto o habitat quanto um grupo humano. A relação entre permanência e fechamento permite a auto-suficiência. Há também uma característica da casa, *oikos*, como espaço feminino e a *ágora* como espaço masculino.

Por outro lado, os filósofos que pretendemos estudar e investigar fizeram um movimento de pensamento em que a casa foi estudada por um homem, Bachelard, e o espaço público por uma mulher, Arendt. Essa complementaridade é uma explicação do movimento para o mundo e volta para casa, principalmente em tempos de pandemia, pelo qual o trabalho doméstico entre ambos os gêneros torna-se fundamental para uma convivência mais equilibrada. “Certamente, um forte contraste com Bachelard deve ser sublinhado aqui. Em Arendt, os gestos domésticos não brilham, eles não são carregados com o significado que pode ser descoberto graças ao filósofo francês.” (ROCHA, 2012, p. 181).

É o impulso de inserção no mundo que faz o início de nossa pesquisa, onde o espaço comum tem como aparência de uma comunidade a tarefa de criar um discurso que manifeste ser e conviver. Arendt alerta que é um erro comum confundir essas áreas, uma vez que as atividades do mundo comum nascem da administração da economia doméstica da “necessidade” de sobrevivência. Na era da *polis*, ocorreu a “liberdade”, que obviamente exigia a condição natural de uma família com suas necessidades satisfeitas, ou seja, exigia o movimento em que o público tende a excluir o privado. “É aqui que se baseia a concepção normativa de Hannah Arendt de espaço ou esfera pública e sua insistência na relevância normativa de uma distinção clara entre as esferas pública e privada”. (MUÑOZ TERRÓN, 2010, p. 381).

É interessante que nessa tensão, justamente na esfera pública, a subjetividade do homem surja, no sentido de ter que se diferenciar dos outros através do debate, da retórica e da defesa dos assuntos públicos. É claro que também há uma artificialidade da necessidade de

crescimento da produtividade, as organizações artificiais e abstratas que fazem o trabalho para se tornarem empregadoras. A partir desse comportamento, os espaços da sociedade se tornam cada vez mais padronizados.

[O] Público tem para Hannah Arendt em “A Condição humana” as seguintes características: 1) é o campo da publicidade 'no sentido de parecer sensível e a manifestação e antes de todos os seres capazes de percepção e por esse motivo, 2º) é a esfera do mundanismo, da realidade da existência [...] Para H. Arendt [...] o privado é: a) o local apropriado, pessoal e intransferível ou local que cada existência o ser humano ocupa no mundo e é uma condição, em princípio, de ser alguém humano, mas também é uma condição para poder aparecer e se apresentar como “alguém” na esfera mundana do público (MUÑOZ TERRÓN, 2004, p. 67).

É nesse ponto que Arendt diz que a equação entre

[A] Expressão pública [que] significa o próprio mundo, pois [há algo] que é comum a todos nós e diferente do nosso lugar nele. Esse mundo, no entanto, não é idêntico à terra ou natureza, espaço limitado para o movimento dos homens e o estado geral da vida orgânica. Anterior, tem a ver com o artefato humano, com o produto das mãos humanas, com negócios realizados entre o grupo que habita o mundo feito pelos homens. no mundo, significa essencialmente que ele tem um mundo de coisas interpostas entre aqueles que vivem em comum, como uma mesa se interpõe entre aqueles que se sentam ao redor. Como qualquer intermediário, o mundo ao mesmo tempo separa e estabelece um relacionamento entre os homens (ARENDR, 2014, p. 62).

É nessa relação entre o mundo e a habitação, essa diferença de mediação no mundo entre as atividades humanas, na qual cada indivíduo se estende e se multiplica. Como uma extensão do que parece na própria atividade que desenvolve a esfera privada e que culturaliza um mundo familiar pela garantia da propriedade, é em sua própria relação múltipla com o desenvolvimento do espaço interior que emerge o contexto do declínio da esfera pública. Essa marca de um retorno ao olhar para o privado, se dá porque as instituições públicas são incapazes de lidar com o impacto do capitalismo, no entanto, a instituição familiar permanece em vigor, até mesmo, em alguns casos e exemplos políticos comuns no Brasil, transformando a família numa empresa política hereditária.

“Parece que é a natureza do relacionamento entre as esferas pública e privada que atinge o estágio final do desaparecimento da esfera pública, acompanhado pelo próprio estabelecimento da ameaça da esfera privada”. (ARENDR, 2014, p. 70). Diante desses problemas, é interessante notar que a ciência parece ter um papel no contexto humanístico da comunicação da linguagem cotidiana desses espaços sob investigação. Devido ao fato de que esse *evento* está ocorrendo constantemente, a ciência faz um corte epistemológico da conquista do homem de seu espaço público e privado, pois a tendência é a de que esferas pública e privada tendam a se misturar.

Então, como resgatar esse lugar de expressão? Para nós, inevitavelmente, é o “entre” essas áreas e também o entre a educação, a ciência e a díade público-privada.

A conquista do espaço e a ciência que tornou possível chegaram perigosamente perto desse ponto [da tecnologia]. Se eles chegassem à verdade, a estatura do homem não teria caído abaixo de todos os padrões que conhecemos: seria destruído. (ARENDR, 2000, p. 347 – grifos nossos).

Bachelard parece ter uma relação mais próxima com Hannah Arendt no conceito de acontecimento - com o ato poético como uma espécie de nascimento de algo que não tem tempo, imprevisível e não dedutível - traz a novidade de uma imagem que renova o mundo. Compartilhamos com Arendt (2014, p. 68) a concepção do projeto de um mundo comum como “o que entramos no nascimento e deixamos para trás quando morremos”. Para Arendt (2014), essa é a principal condição para o mundo comum, que é o mundo das coisas feitas pelo homem. O labor não destinado à funcionalidade de necessidade ou consumo vital, mas que produz o artifício humano que é logrado pela ação e pela intenção de viver em um mundo de coisas significativas. Nesse sentido, Arendt (2014) entende que o mundo é nosso lar e que temos a capacidade como artistas, poetas, escritores e construtores, porque precisamos entender a existência criando fenômenos para que o mundo se torne na realidade.

## **Bachelard**

Segundo Bachelard, há um sentimento de que o mundo é precisamente a imagem da casa. O ser humano depende de suas ficções e truques para se tornar o mundo e abrir seu espaço, mas é à imagem que a diferença da realidade permanece. Segundo Arendt (2014), não é a terra ou a natureza, o espaço limitado para o movimento humano e a condição da vida, antes, é necessário que essa construção tenha a ver com o artefato humano, que é feito pela mão do homem, assim como as trocas feitas entre aqueles que habitam o mundo criado pelo homem.

Proponho uma rápida viagem através de alguns textos sugestivos e decisivos sobre esses temas, extraídas do trabalho de Hannah Arendt e Gaston Bachelard. Sublinhamos neles as diferenças encontradas em ambos os filósofos em termos de contextos, temas e problemas tratados, os quais eles têm uma convergência frutífera em direção à ideia de que o desenvolvimento de si mesmo constitui o próprio fundamento do sujeito, o coração vivo do experimento mental, que passa sem uma posição tão dupla do cogito, deve renovar-nos para afirmar uma divisão da mesma problemática e infeliz, mas “patológico”, do sujeito pensante “. (LAMY, 2016, p. 72).

Como sugerido acima, segundo Bachelard (1990), não existe um vínculo exclusivo da imaginação com a percepção, muito menos a subordinação da imagem à ideia, mas há um acontecimento da linguagem como criadora de imagens. Evento para colocar em palavras e ações um mundo comum, que configura uma espécie de segundo nascimento, pois

é, parafraseando Arendt, a esfera que se tornou a função pública da esfera privada que se tornou a única preocupação comum da sobrevivência.

Segundo Bachelard, não se deve dar novos nomes para coisas antigas ou nomes antigos para coisas novas. Com essa ideia simples e profunda, ele gostava de estabelecer que as Ciências Humanas, pode, e deve ser equilibrada de tal forma com o mundo considerando novas perspectivas e horizontes do pensamento para o conhecimento.

Assim, fica um pouco mais claro que as posições epistemológicas que tomamos são essenciais para a valorização dos espaços em que vivemos. Mesmo porque, se abandonarmos nossos espaços públicos ou privados, deixaremos um espaço aberto para a manipulação midiática de informação - principalmente as redes sociais e a televisão, que invadem esses espaços através de furos e propagandas daquilo que nós pesquisamos ou até mesmo pensamos sem sequer externalizar.

Em *A experiência do espaço na física contemporânea*, Bachelard (2010) começou a problematizar a relação entre o espaço e o realismo de coisas como a extensão. Ele diz que a realidade das coisas faz um movimento no espaço. Critica a substancialidade para não lidar com a relação entre forma e espaço, produtos químicos voláteis e leves. No mesmo livro, Bachelard usa o conceito de indeterminação de Werner Heisenberg, que, baseado na pergunta sobre a simplicidade da ideia de lugar de um material de partícula, como incerteza e probabilidade. Existe em Heisenberg uma abordagem importante ao questionamento de Arendt, presente no capítulo *A conquista do espaço e a estatura humana*, onde ela cita repetidamente a importância de Heisenberg para o estudo do espaço físico.

Bachelard sugere que, além da ciência, o espaço é uma construção, já que não é algo que simplesmente é, que é um equilíbrio que mantém a experiência e um “espaço abstrato é uma hipótese plausível para organizar uma experiência.” (BACHELARD, 2010, p. 79).

Para Bachelard, foi preciso sugerir uma geometrização do espaço como uma fórmula metafísica da modernidade, achando tudo em termos de aberto e fechado. Portanto, na contemporaneidade da questão sobre a relação de equivalência entre ser e espaço, sugere que três dimensões sejam consideradas: espaços generalizados, espaço de configuração e espaços abstratos (cf. BACHELARD, 2010, p. 72).

Espaços matemáticos generalizados euclidianos, nascidos da ideia de planejamento tridimensional; Esse é o espaço em que normalmente localizamos nossas imagens, esquemas kantianos e apriorismos. Os espaços de configuração geralmente são iniciativas de físicos que descrevem sistemas de pontos que facilitam o desenvolvimento de formações de cálculo de formas de onda, a extensão de fase. Não é um ponto de vista cartesiano duplo e substancial,



pois as configurações descrevem a falta de homogeneidade do movimento; é uma indeterminação de aproximações e probabilidades espaciais. Os espaços abstratos já têm a ideia de “propor um caráter indeterminado do elemento espacial” (BACHELARD, 2010, p. 77). A indeterminação é o próprio princípio da incerteza e da probabilidade; portanto, é a microfísica do campo energético; já que o infinito é a grandeza do espaço sideral. Ao mesmo tempo, esses espaços são um conjunto de elementos da mesma natureza próximos a uma noção que toca pontos. Por que não ter uma posição definida, do que cobrir posições indefinidas. Portanto, a geração de uma hipótese entre essas ambivalências de ser, natureza, sujeito e objeto, lar e mundo.

Em *A experiência do espaço na física contemporânea*, o espaço é o que contém em si uma divisibilidade universal infinita e, sem forma, é no espaço que as possibilidades de localidade macroscópica e microscópica são combinadas. No entanto, em vista das regiões do espaço, são discutidas as relações que decorrem de tais reflexões e que tais problemas devem ser abordados com pesquisas sérias e inovadoras que valorizem a ciência em detrimento dessa cultura de opiniões que se julgam capaz de refutar as ciências.

## **Conclusões**

Com todas as mudanças que nossa sociedade está passando, os papéis de homens e mulheres têm sido igualados em várias direções, graças ao advento e a luta do feminismo. Quando Arendt argumenta sobre o desaparecimento da esfera pública, podemos entender que o valor da individualidade aumenta à medida que o sujeito se torna seu próprio legislador. Nesse sentido, parece essencial revelar como o ser humano é o próprio mundo, seu lar e como a micro esfera de seu lar se descomprime a macro esfera de convivência na cidade, e daí surgem essas polarizações maniqueístas que causam tensões sociais.

Entretanto, quando Bachelard percebeu intuitivamente que a análise topológica da casa é um espelho da sociedade, isso nos dá um novo pano de fundo para a análise da própria teoria de Arendt. Ou seja, a partir do desapontamento científico, podemos nos voltar para uma nova ciência política, focada em questões da relação do ser humano com o consumo e a cidadania. Deste último aspecto, é que nem Bachelard nem Arendt puderam estudar profundamente e, com suas bases, podemos ver como o pós-capitalismo realiza o valor simbólico e imaginário de seus espaços por meio da efemeridade deles em relação a necessidade constante de consumir novas ideias, ideologias que ironicamente não são mais criadas, pela falta da criatividade da reprodutibilidade virtual técnica, por isso esvaziadas numa descrença pela própria humanidade, deixando a grande maioria somente a perspectiva da sobrevivência individual a qualquer custo. O público e o privado, cada um em seu devido

lugar, nos sugere que os limites das ciências interligadas e respeitadas, podem fazer muito mais por nossa organização da mente, espírito, casa e cidade científica global.

## **Referências**

ARENDRT, Hannah. **Entre o Passado e o Futuro**. Trad. Mauro W. Barbosa. São Paulo: Editora Perspectiva, 2000.

\_\_\_\_\_. **A condição humana**. Trad. Roberto Raposo; revisão técnica e apresentação Adriano Correia. 12.ed. revisada. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

BACHELARD, Gaston. **A terra e os devaneios do repouso**: ensaios sobre as imagens da intimidade. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

\_\_\_\_\_. **A experiência do espaço na física contemporânea**. Tradução de Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 2010.

CESAR, Constança; Razão Hermenêutica e fenomenologia em Gaston Bachelard. In: SANT'ANNA. **Para Ler Gaston Bachelard**: Ciência e Arte. Salvador: Edufba, 2010.

LAMY, Julien. A experiência do pensamento e o desdobramento de si. Uma leitura cruzada de Hannah Arendt e Gaston Bachelard. IN : SANT'ANNA, Catarina. **Gaston Bachelard**: Mestre na arte de criar pensar viver. Salvador : Edufba, 2016.

PARIENTE, Jean-Claude. Rationalisme et ontologie chez Gaston Bachelard. IN: GAYON & BITBOL. **L'Épistémologie Française**: 1830-1970. Paris: Éditions Matériologiques, 2015. pp. 235-264.

MILES, Kennedy. *Bachelardian Concrete Metaphysics*. Bern: Peter Lang, 2011

MUÑOZ TERRÓN, José María. **Ser cuerpo, Ser del mundo**. Claves fenomenológicas de una redefinición de lo público y lo privado. Investigaciones Fenomenológicas, vol. monográfico 2 Cuerpo y alteridad (2010), pp. [...]

\_\_\_\_\_. **Crítica fenomenológica del concepto habermasiano de esfera pública**. Servicio Publicaciones Universidad de Almería, 2004.

ROCHA, Irving. **La casa, el sí mismo y el mundo - estudio a partir de Gaston Bachelard**. Tesis Doctoral de Filosofía. Barcelona, 2012.